



A HUMANIZAÇÃO PELO FOTOJORNALISMO NA EXPOSIÇÃO “A FALTA QUE VOCÊ FAZ”

Andrea Sanhudo Torres* - andreasanhudo@gmail.com

Pâmela Aparecida Ramos * - pamelaramos798@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa visa identificar a humanização pelo fotojornalismo na exposição “A falta que você faz”, do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). As fotografias foram feitas pela fotojornalista brasileira Marizilda Cruppe, entre agosto de 2016 e setembro de 2017. O trabalho retrata 16 famílias, de diferentes locais do Brasil, que buscam por alguém que está desaparecido. O objetivo do estudo é reconhecer como os personagens foram humanizados. Para isso, usamos como base o método de Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2002). Neste artigo, o corpus é de três fotografias, nas quais buscamos identificar aspectos narrativos e estéticos. O resultado mostra que a humanização é mais perceptível pelos espaços e objetos na imagem. Estes representam um ambiente confortável que faz parte do cotidiano das pessoas retratadas.

Palavras-Chaves: Fotojornalismo. Análise de Conteúdo. Humanização.

Abstract: This research has the objective to identify the humanization of photojournalism in the International Committee of the Red Cross (ICRC) exhibition “Missing you do.”

The photographs were made by the brazilian photojournalist Marizilda Cruppe, between august 2016 and september 2017. The work picture 16 families from different places in Brazil, these are looking for someone who disappeared. The purpose of the study is to recognize how the characters were humanized. For this, we use the method of Content Analysis by Laurence Bardin (2002). In this article, the corpus consists of three photographs, which we search to identify narrative and esthetics aspects. The result shows that humanization is more visible by the spaces and objects in the image. These represent a comfortable place that is part of the daily life of the people pictured.

Keywords: Photojournalism. Content Analysis. Humanization.

1. Introdução

Quando o assunto é pessoas desaparecidas, o foco da atenção é voltado a quem desapareceu, acompanhado das perguntas: “Onde está? Quando foi visto pela última vez? E o que aconteceu?”. No entanto, a pergunta raramente feita, é: “Como vivem os familiares do (a) desaparecido (a)?”. Com essa perspectiva, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) criou a exposição “A falta que você faz”, que aborda essa problemática com o objetivo de sensibilizar o público por meio da realidade do cotidiano de familiares de desaparecidos.

O CICV é uma organização humanitária, independente e neutra, que tem como missão auxiliar as vítimas de conflitos armados e outras situações de violência. A exposição surgiu pela falta de abordagem, na mídia, dos desaparecimentos que afetam mais de 80 mil pessoas, no Brasil, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FÓRUM DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2018, p.30).

Entre agosto de 2016 e setembro de 2017, a fotojornalista brasileira Marizilda Cruppe fotografou 16 famílias do Rio de Janeiro, Curitiba, Maceió e do Estado de São Paulo. Dessas 16 famílias retratadas, oito tiveram um familiar desaparecido no período da ditadura militar, no país, enquanto as outras, no período democrático.

A pergunta inicial que conduziu esta pesquisa foi a reflexão do que é considerado fotojornalismo, pois, as fotografias da exposição são retratos de pessoas que traduzem uma história. Então, buscamos entender como a fotojornalista usou dos elementos

narrativos em cada fotografia selecionada. A hipótese inicial em relação à humanização sugere que se trata de um trabalho veiculado por uma organização humanitária, assim, os aspectos narrativos são diferentes das fotos publicadas na imprensa diária, por exemplo. Contudo, isso não significa que de fato os personagens são humanizados. É preciso reconhecer como isso está presente.

O objetivo é reconhecer o que representa a humanização dos personagens e como a narrativa é construída. Os resultados mostraram que o espaço e os objetos são parte da história de cada personagem, com particularidades diferentes, mas que retratam a busca pelo desaparecido. O corpus desta pesquisa reúne três fotografias.

Usamos como referencial teórico para o estudo dos elementos estéticos as obras de Miriam Paula Manini (2006), Ana Maria Mauad (2005), Michael Langford e Efthimia Bilissi (2013). Na análise da narrativa, nos baseamos nos conceitos de Dulcilia H. Schroeder Buitoni (2010), que aborda o fotojornalismo em dois tipos: embrião narrativo, quando uma fotografia traz o sentido de continuidade; e o flagrante que seria o instante imediato.

1.1 Fotojornalismo e Fotografia Documental

Para reconhecer a narrativa na imagem fotográfica, Buitoni (2010) destaca o professor, historiador e teórico da fotografia André Rouillé, que detalha uma questão numérica presente na imagem. “[...] o tempo de pose, a duração da tomada, a distância, a profundidade de campo, a sensibilidade das emulsões formam um conjunto de parâmetros que tecem uma verdadeira trama numérica imanente à fotografia”. (BUIIONI, 2010, p. 9).

Em “*O registro imagético do mundo*”, Buitoni (2010) aborda que a ideia da fotografia jornalística ser um registro do real foi sustentada historicamente por motivos ideológicos e mercadológicos. Ao analisar a imagem, a autora descreve que a fotografia não explica nada, não interpreta e apenas mostra. “Há um jogo de duas formas que aparentemente se excluem: uma presença que afirma uma ausência e uma ausência que afirma uma presença”. (BUIIONI, 2010, p. 6).

Segundo Lombardi (2007), em “*Documentário imaginário*”, a fotografia documental, é:

Um gênero fotográfico que trata de propostas éticas e estéticas, formando um espiral de contradições e aderências sobre a sua prática, valores e propósitos. Temas sociais, impressões sobre o mundo, vida cotidiana, cenas de guerra, registros de viagens, os mais diferentes tipos de fotografias podem ser classificados como documentais. (LOMBARDI, 2007, p 31).

Lombardi (2007) define que a fotografia documental pode abranger diferentes modos de representação. Já a pesquisadora Ana Maria Muad (2015), em “*Na mira do olhar*”, diz que nossas percepções são afetadas pela fotografia ao passo que: “Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado a partir do dado de materialidade que persiste na imagem” (MUAD, 2015, p.150). Em meio a essa reflexão, o impacto da fotografia documental ocorre de forma similar promovendo um debate social.

1.2. Sobre a exposição

A primeira mostra foi inaugurada, em 16 de maio de 2018, no Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, em Brasília, e permaneceu aberta a visitação até 11 de junho daquele ano. As fotografias foram expostas em quadros. Já no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, a exposição ficou aberta para visitação do dia 12 a 30 de setembro de 2018. Diferentemente da realizada, em Brasília, as fotografias foram apresentadas em um vídeo *mapping*, criado pelo diretor de arte, designer e artista visual Rogério Costa. O recurso do audiovisual uniu as fotografias junto aos vídeos de depoimentos dos personagens.

Além da exposição, o CICV também promoveu palestras e debates com especialistas do assunto. Em entrevista com a coordenadora do CICV no Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai, Sandra Lefcovich relata que planejou com a fotojornalista Marizilda Cruppe a abordagem num formato capaz de contar histórias de diferentes famílias. “Tentamos pegar um leque variado de perfis, como: homens, mulheres, diferentes idades, diferentes lugares do Brasil e diferentes relações de parentesco, que estivessem dentro do universo que trabalhamos”¹.

Para Lefcovich, o resultado da exposição foi satisfatório e conseguiu alcançar os objetivos pré-estabelecidos. A sensibilização do público com a temática pôde ampliar o

¹ Entrevista realizada em 06 de nov. de 2018.

conhecimento dessa realidade. “As pessoas ficaram muito tocadas. Descobriam que tinham familiares e amigos desaparecidos que não se lembravam.”². No MIS, os próprios familiares retratados na exposição foram contratados como monitores pela organização. Isso proporcionou a eles um contato direto com o público.

Como se trata de um tema delicado que envolve a dor da ausência, Marizilda Cruppe contou em entrevista que tentava se conectar com o personagem. “Eu não tenho um filho desaparecido, não perdi um filho, não vivi essa situação e eu não tenho como saber, mas, eu procuro chegar o mais perto que eu conseguir de representar a dor deles”³. E mesmo na busca por essa conexão, a preocupação com a técnica também é evidente.

A prática da técnica tem que ser estudada para se organizar na hora em que está fazendo. Com a câmera digital a tentação de olhar a fotografia é absurda. Tento fotografar, não olhar e também não mostrar na hora, porque se não a gente se perde no momento, perde a coisa - a conexão.⁴

E nessa mistura de emoção e técnica, a fotojornalista conta que a empatia é algo essencial na busca da retratação do personagem. Analisando a exposição, ela conta que tem a sensação de que os personagens vivem presos em uma janela de tempo vivendo o mesmo dia, repetidamente. Para ela, isso apenas foi perceptível ao editar as imagens que retratam o lugar de espera onde os personagens estão presos e só conseguirão sair quando receberem alguma notícia.

2. Metodologia

O método usado nesta pesquisa é a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2002). A autora estabelece três polos cronológicos para seguir, sendo: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; 3) Tratamento dos resultados, inferência e a interpretação. (BARDIN, 2002, p.95). Para selecionarmos o *corpus*, foi feita a leitura flutuante de cada imagem buscando características particulares, a partir da narrativa e aspectos estéticos.

² Entrevista realizada em 06 de nov. de 2018.

³ Entrevista realizada em 23 de set. de 2018.

⁴ Entrevista realizada em 23 de set. de 2018.

Após a escolha do *corpus*, definimos as categorias em: elementos narrativos (expressões, espaços e objetos) e estética visual (cor, iluminação e enquadramento). A partir dessas categorias, buscamos reconhecer os elementos do fotojornalismo e a humanização do personagem.

A análise das categorias tem como base os conceitos técnicos de Miriam Paula Manini (2006), Ana Maria Mauad (2005), Michael Langford e Efthimia Bilissi (2013). Manini (2006) aborda que as expressões são identificadas na divisão do espaço na imagem, cor e iluminação. Mauad (2005) classifica os espaços em fotográfico e geográfico. O fotográfico seria em relação à técnica como tamanho, enquadramento e nitidez; já o geográfico é o tipo de lugar que a imagem mostra. Michael Langford e Efthimia Bilissi (2013, p. 20) detalham que a interpretação de cores é relativa à memória pessoal de cada um.

2.1 Corpus

O *corpus* deste estudo reúne três fotografias, selecionadas por meio da leitura flutuante (BARDIN, 2002, p. 75). Cada uma das fotografias escolhidas possui uma narrativa construída pelo olhar da fotojornalista ao analisar o que mais se enquadrava na história de vida de cada personagem. Na tabela 1, estão separados os personagens, familiar desaparecido, o tempo até 2018 dos anos que esperam por notícias e o grau de parentesco do desaparecido.

Tabela 1 – Organização do Corpus

PERSONAGEM	DESAPARECIDO	TEMPO	PARENTESCO
Lucineide Damasceno	Felipe Damasceno	10 anos	Filho
Maria Carolina Capistrano	David Capistrano	44 anos	Esposa
Valmir Nascimento	Teodomiro Bernardo dos Santos	23 anos	Cunhado

Elaboração da autora.

3. Análise

Foto 1 – Família Damasceno



Fonte: Marizilda Cruppe/CICV

Lucineide Damasceno busca respostas sobre o paradeiro do filho Felipe, desaparecido desde novembro de 2008, quando saiu de casa de moto para visitar um amigo e não voltou. Depois do desaparecimento, ela passou a sofrer crises de pânico em locais com muitas pessoas⁵. O isolamento é característica que a fotojornalista usou para fotografar Lucineide. A iluminação consiste em cores mais escuras que narram um espaço fechado onde vive a personagem.

Pela categoria de expressão, conceito de Manini (2006), identificamos a personagem apoiada em uma parede. A cor mais presente é o azul em tom cinza. O ambiente contém umidade e isso é notável, a partir dos traços pretos na parede. O espaço fotográfico e geográfico, definido por Mauad (2005), mostra que a personagem está em um local com iluminação baixa e apenas com uma fresta de luz ao fundo que reflete no rosto da personagem causando uma sombra na parte detrás do corpo. O espaço geográfico evidencia que se trata de uma casa. O fundo é natural. O ambiente, interno e privado.

Os objetos de destaque, na visão de Mauad (2005), podem ser caracterizados por itens exteriores como a vassoura e a pá no canto, ao lado direito, e o portão aberto ao

⁵ Informações disponíveis no catálogo da mostra “A falta que você faz”.

fundo. O enquadramento da imagem está no sentido horizontal. A foto é feita em plano médio, focada na expressão do rosto. A direção é da esquerda para a direita e o objeto central é o próprio personagem. A vassoura é destacada pela cor ao fundo e chama a atenção.

A fotografia tem características da fotografia documental, mas também jornalística. A retratação da personagem de frente enfatiza um olhar sem direção e tomado por lembranças. A sensibilidade da fotógrafa no momento do registro mostra que a personagem estava confortável com a presença da câmera e se conectou com o passado.

Foto 2 – Família Capistrano



Fonte: Marizilda Cruppe/CICV

David Capistrano desapareceu, em março de 1974, com um amigo. Após a Lei da Anistia, ele não retornou. Desde então, a família passou a aceitar que ele estava morto e busca respostas.⁶

⁶ Informações disponíveis no catálogo da mostra “A falta que você faz”.

A identificação de expressão, pelo conceito de Manini (2006), mostra a personagem com o olhar direcionado para um local desconhecido pelo receptor. A iluminação ocorre de forma natural pela luz da janela e as cores que se destacam são em tons laranja, vermelho e branco.

O espaço fotográfico, como detalha Mauad (2006), é notável pelo ambiente de uma sala onde a personagem está posicionada de costas para a janela. O fundo fotográfico é natural, interno e privado, pois, se trata de uma casa. Os objetos, pela definição de Mauad (2006), são caracterizados por itens externos como o vaso de flores brancas, o sofá e a cortina. E pessoais como os porta-retratos em cima da mesa e a moldura na parede.

Cruppe buscou usar os objetos para representar o tempo na fotografia. O relógio de pulso pode ser entendido como o tempo que não para. A moldura em preto e branco caracteriza a existência do desaparecido de forma que só é exprimida na imagem, mas que remete ao passado. Já a personagem seria o presente. “[...] Era uma maneira de deixar a pessoa presente naquele momento. É mostrar concretamente quem não estava ali. Então só das fotos que eu faço serem coloridas e das fotos antigas serem preto e branco, já há uma passagem de tempo”, conta Cruppe.⁷

O enquadramento, seguindo a visão de Mauad (2005), está em sentido vertical e a direção é da direita para a esquerda. O objeto central é equilibrado tanto pela personagem quanto pelo quadro. As mãos posicionadas em cima da perna podem trazer o sentido de ‘impossibilidade’ de encontrar respostas, já que se trata de uma história de quatro décadas cujo desfecho ainda não se sabe.

A imagem possui mais elementos da fotografia documental, pois, é um retrato com informações subjetivas. A narrativa é semelhante às outras fotografias da exposição que tem inúmeros significados no contexto do cotidiano de um familiar de desaparecido.

Valmir Nascimento faz buscas constantes pelas ruas de São Paulo desde que seu cunhado Teodomiro Bernardo dos Santos desapareceu, em novembro de 1995, enquanto fazia tratamento psiquiátrico em um hospital da cidade. Teodomiro saiu pela porta da frente e nunca mais foi visto.⁸

As expressões na imagem, pelo conceito de Manini (2006), mostram o personagem posicionado no canto de um calçadão olhando diretamente para a câmera. O

⁷ Entrevista realizada em 23 de set. de 2018.

⁸ Informações disponíveis no catálogo da mostra “A falta que você faz”.

espaço fotográfico, sob a ótica de Mauad (2005), é em plano geral, o que demonstra a ligação de Valdomiro com o ambiente urbano, pois, ele faz buscas a pé pelos bairros. A iluminação consiste em aspecto de fim de tarde e a sombra está na direção dos pés do personagem. As cores de destaque são o cinza e os tons variados de azul.

Foto 3 – Família Nascimento



Fonte: Marizilda Cruppe/CICV

O fundo é natural na concepção de espaço geográfico, proposto por Mauad (2005), e o ambiente é externo e público. Além das casas e dos postes na paisagem, o objeto de destaque que está no braço do personagem é o relógio que pode ser interpretado por item pessoal, na categoria de objetos baseadas em Mauad (2005). “O que eles sempre falam é que fica mais difícil quando chega perto da noite porque ficam mais um dia sem notícias, mais um dia sem saber”, conta Cruppe.⁹

O enquadramento da foto, na compreensão de Mauad (2005), classifica o sentido como horizontal com a direção voltada para o centro, pois, o personagem atrai atenção devido à iluminação e pose diante da câmera. A informação principal é o personagem que, mesmo com as interferências visuais da paisagem urbana, é destacado pela luz do sol.

⁹ Entrevista realizada em 23 de set. de 2018.

O relógio no pulso e a posição do sol também indicam passagem de tempo. A foto se enquadra na fotografia documental, pois, a informação presente na imagem é subjetiva. No entanto, o personagem é retratado de forma que deixa evidente uma posição confortável diante de quem o está fotografando.

4. Considerações finais

As fotografias analisadas mostram o espaço como parte da narrativa do cotidiano dos personagens. Notamos que existem aspectos da fotografia documental que caracterizam um trabalho de continuidade, isto é, uma sequência de imagens que denotam a ausência do desaparecido.

Ainda que o trabalho seja documental, a pesquisadora Ana Maria Muad (2015), em “*Na mira do olhar*”, aborda que este estilo de fotografia provoca uma reflexão com o objetivo de sensibilizar o público para um determinado assunto. A humanização na fotografia ocorre de maneira natural quando Cruppe busca elementos comuns ao personagem retratado que mergulha em lembranças despertadas pelos próprios objetos da casa ou pelo espaço onde está inserido.

A pesquisa ampliou o conhecimento sobre a produção fotográfica documental e como os modos de fazer reportagem podem ser estendidos às fotografias que narram histórias. Dessa forma, o olhar jornalístico para a causa do desaparecimento de pessoas pode ser compreendido de maneira mais profunda quando se exploram várias maneiras de retratação.

5. Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Portugal, Lisboa: Edições 70, 2002. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro.
- BITTNER, D.H.S. **Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real**. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/644/612>. Acesso em: 12 abr. 2019.
- BITTNER, D.H.S. O Registro imagético do mundo: jornalismo, embrião narrativo e imagem complexa. **Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em**

- Comunicação – Compós.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt8_dulcilia_buitoni.pdf. Acesso em: 30 abr. 2019.
- COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **Catálogo da mostra “A falta que você faz”**. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/publication/catalogo-da-mostra-falta-que-voce-faz>. Acesso em: 02 abr. 2019.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de Segurança Pública 2018**. São Paulo, Pinheiros. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-de-Seguran%C3%A7a-P%C3%BAblica-2018.pdf>. Acesso em: 02. abr. 2019.
- LANGFORD, M.; BILISSI, E. **Fotografia avançada de Langford: Guia completo para fotógrafos**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013. 480 p.
- LOMBARDI, K.H. **Documentário Imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lombardi-katia-documentario-imaginario.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.
- MANINI, M.P. **Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva**. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2004. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/946>, Acesso em: 30 abr. 2019.
- MAUAD, A.M. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**. São Paulo: Scielo, 2005. 43 p. (13). Anais do Museu Paulista. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v13n1/a05v13n1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.

* **Andrea Sanhudo Torres: Professora do Curso de Jornalismo ATHON Ensino Superior, Sorocaba, professora-orientadora, doutora em Educação (UNISO).**

** **Pâmela Aparecida Ramos: Jornalista formada pela Universidade de Sorocaba (UNISO)**